

O Livro de Daniel - Número Cinquenta e Cinco

Desvelando a tapeçaria profética: a revelação de Gabriel a Daniel

Jeff Pippenger

2024-01-19

Gabriel veio até Daniel depois que ele chegou a entender os setenta anos de cativo da profecia de Jeremias e o juramento e a maldição de Moisés.

No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros o número dos anos, conforme a palavra do Senhor ao profeta Jeremias, que se cumpririam setenta anos nas desolações de Jerusalém. . . . Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à tua voz; por isso a maldição se derramou sobre nós, e o juramento que está escrito na lei de Moisés, servo de Deus, porque pecamos contra ele. E ele confirmou as suas palavras, que falou contra nós e contra os nossos juizes que nos julgavam, trazendo sobre nós um grande mal; porque debaixo de todo o céu não se fez como o que foi feito em Jerusalém. Como está escrito na lei de Moisés, todo este mal veio sobre nós; contudo não suplicamos diante do Senhor, nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniquidades e entendermos a tua verdade. Por isso o Senhor velou sobre o mal e o trouxe sobre nós; porque o Senhor, nosso Deus, é justo em todas as obras que faz; pois não obedecemos à sua voz. Daniel 9:2, 11-14.

A palavra que Daniel usou, traduzida como "o juramento", é a mesma palavra que Moisés usou, traduzida como "sete vezes", em Levítico vinte e seis. A Irmã White nos informa que, no capítulo nove, Daniel procurava compreender a relação entre o período de setenta anos de Jeremias e o período de dois mil e trezentos anos. Gabriel havia sido ordenado no capítulo oito a fazer Daniel entender a visão dos dois mil e trezentos dias, e Gabriel está concluindo seu trabalho quando retorna no capítulo nove e informa a Daniel que separe mentalmente as duas visões que têm sido o tema dos capítulos sete, oito e também nove. Essas duas visões são o tema do "aumento do conhecimento" que foi desselado em 1798.

Os setenta anos de Jeremias e a "maldição" de Moisés são ambos símbolos dos "sete tempos", conforme representado pelo "juramento" de Moisés, mas Gabriel vai apresentar o desdobramento do período de dois mil e trezentos anos. Esse período só pode ser devidamente dividido quando a relação entre a visão ("chazon") do pisoteamento e a visão ("march") da aparição for devidamente dividida. Gabriel começou identificando que foi dado aos judeus um período probatório de quatrocentos e noventa anos. Esse período era o mesmo que o período de quatrocentos e noventa anos de rebelião que havia produzido os setenta anos de cativo.

A palavra "determinado", no versículo vinte e quatro, refere-se ao período desde a promulgação do terceiro decreto, em 457 a.C., até o apedrejamento de Estêvão, em 34 d.C., mas a palavra "determinado", nos versículos vinte e seis e vinte e sete, identifica os poderes desoladores do paganismo e do papismo.

E, depois de sessenta e duas semanas, o Messias será cortado, mas não por si mesmo; e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário; e o fim disso será com uma inundação, e até ao fim da guerra estão determinadas desolações. E ele confirmará a aliança com muitos por uma semana; e, no meio da semana, fará cessar o sacrificio e a oblação; e, por causa da multiplicação das abominações, trará desolação, até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o desolado. Daniel 9:26, 27.

Gabriel informa a Daniel que "depois" que o "Messias" foi "cortado" o "povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário." Roma pagã destruiu a "cidade e o santuário" no cerco que durou exatamente três anos e meio, do ano 66 ao 70 d.C. Gabriel identifica que "o fim da guerra" seria "com um dilúvio", e que a guerra consistiria em "desolações." A guerra que foi travada contra Jerusalém e o santuário foi o pisoteamento levado a cabo pelo paganismo e pelo papismo. O poder pagão que destruiria Jerusalém no início era Babilônia, mas o poder pagão que a destruiria depois que o Messias foi crucificado era a Roma pagã. Mas a guerra contra o santuário e o exército foi levada a cabo por dois poderes desoladores, e o segundo desses dois poderes desoladores nas Escrituras é o papado.

O papado é o poder representado como o “flagelo transbordante”; é o poder no versículo quarenta de Daniel 11, que “transborda e passa por cima”. O pisoteamento de Jerusalém que começou com a Babilônia, e continuou com a nação de ferro que proferia sentenças obscuras, como representado por Moisés em Deuterônimo, foi seguido pelo papado. Até o fim do pisoteamento, “desolações” estavam “determinadas”. No versículo vinte e sete, Cristo confirma a aliança com muitos por uma semana. No meio dessa semana, ao Cristo iniciar seu ministério sumo-sacerdotal no santuário no céu, o sistema sacrificial terreno cessaria. Por causa da desobediência dos judeus durante o tempo probatório que lhes havia sido determinado, o santuário e a cidade seriam novamente assolados.

O versículo diz: "pela propagação das abominações ele a tornará assolada, até a consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolado." Quando os judeus finalmente encheram até a borda o cálice do seu tempo probatório, a cidade e o santuário deveriam ficar assolados até o fim da guerra. Na "consumação" do pisoteamento, em 1798, estava "determinado" que o papado receberia uma ferida mortal. Então a cidade e o santuário deveriam ser restaurados e reconstruídos, como tipificado quando os judeus saíram da Babilônia literal sob os três decretos.

Até a consumação daquela guerra, Jerusalém seria calcada aos pés pelo poder papal. Os períodos proféticos que compõem os períodos distintos dentro dos dois mil e trezentos anos só podem ser corretamente entendidos quando se compreende a relação da visão do pisoteio dos setenta anos em conexão com a visão da restauração do santuário e da hoste. Rejeitar a visão da dispersão da maldição de Moisés é rejeitar a visão do ajuntamento. A visão dos setenta anos é a visão da dispersão. A visão dos dois mil e trezentos anos é a visão do ajuntamento. A visão dos setenta anos é a visão "chazon" da dispersão, e a visão dos dois mil e trezentos anos é a visão "mareh" do ajuntamento.

Portanto, o que Deus uniu, não o separe o homem. Marcos 10:9.

As duas visões foram profeticamente unidas, e rejeitar uma é rejeitar ambas. Este fato evidencia que, apesar de o Adventismo afirmar que sustenta a profecia dos dois mil e trezentos anos, ele rejeitou o pilar central do Adventismo, tão certamente quanto rejeitou os “sete tempos” em 1863. Os judeus não professavam guardar a lei de Deus? O antigo Israel não professava estar aguardando o Messias? O simples professar não tem sentido se não sustenta a Palavra de Deus.

Os mileritas acabaram por identificar 22 de outubro de 1844 como o término do período de dois mil e trezentos dias, mas sua compreensão era limitada. Só depois do grande desapontamento é que veio luz a respeito do santuário celestial e do aparecimento de Cristo no Lugar Santíssimo naquela data. Somente depois dessa data é que compreenderam a mensagem do terceiro anjo e a lei de Deus.

O Senhor pretendia aumentar a luz profética associada aos dois mil e trezentos anos e, em 1856, abriu a porta para mais luz, e nos sete anos seguintes o Adventismo fechou essa porta. Somente depois de 11 de setembro de 2001 é que o Senhor conduziu os estudiosos da profecia de volta aos artigos de Hiram Edson, e a luz dos "sete tempos" voltou a aumentar.

Ao recusar-se a enxergar a relação entre a profecia de dois mil e trezentos anos e a profecia de dois mil e quinhentos e vinte anos, o Adventismo veio a compreender 22 de outubro de 1844 de forma truncada e incompleta.

Uma vez que S. S. Snow fixou a data da crucificação, a data de 22 de outubro de 1844 foi determinada.

Sabe, portanto, e entende: desde a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; a rua será reconstruída, e o muro, mesmo em tempos difíceis. E depois das sessenta e duas semanas será morto o Messias, mas não por si mesmo; e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim da guerra estão determinadas desolações. E ele confirmará uma aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta; e por causa da multiplicação das abominações a tornará desolada, até à consumação, e o que está determinado será derramado sobre o desolado. Daniel 9:25-27.

Os Milleritas reconheceram a data correta da crucificação e então foi identificado o fim do período de dois mil e trezentos anos. O "Messias será cortado" no "meio da semana" em que Cristo confirmou "a aliança", por causa de os judeus terem enchido o seu cálice do tempo probatório até o topo, conforme representado pela "proliferação de Abominações", também foi identificado. A cruz tornou-se o marco histórico que foi essencial no reconhecimento da mensagem do Clamor da Meia-Noite.

Apesar da luz contida nos versículos, que produziu uma manifestação tão poderosa do poder de Deus, os Mileritas nunca chegaram à compreensão desses versículos, a qual era representada pelo desejo de Daniel de entender a relação entre as duas visões. A semana em que Cristo confirmou a aliança foi dividida em dois períodos, que a Irmã White mais tarde identificou como representando o ministério pessoal de Cristo de três anos e meio, seguido por seu ministério como representado

pelos discípulos. Eles viram que o marco histórico da cruz se tornou a âncora para determinar a data de 22 de outubro de 1844, mas não perceberam que esse marco também representava o centro de dois períodos idênticos de três anos e meio e, assim, representava os "sete tempos", que Deus, por meio de Moisés, chamou de "contenda de sua aliança".

Então também eu andarei em oposição a vós e vos castigarei ainda sete vezes por causa dos vossos pecados. E trarei sobre vós a espada, que executará a vingança da controvérsia da minha aliança; e, quando vos recolherdes dentro das vossas cidades, enviarei a peste entre vós; e sereis entregues nas mãos do inimigo. Levítico 26:24, 25.

Quando Cristo estava confirmando a aliança com muitos, tratava-se da aliança acerca da qual ele tinha uma contenda com os judeus desobedientes. A “contenda da sua aliança” começou em 723 a.C., quando os assírios levaram cativo o reino do norte, e então, por mil duzentos e sessenta dias proféticos, o paganismo pisoteou o Israel literal. Esse pisoteio foi então seguido por mais mil duzentos e sessenta dias proféticos, em que o papismo pisoteou o Israel espiritual.

A semana profética em que Cristo confirmou a aliança, em cumprimento da visão de dois mil e trezentos anos, também representou a visão de dois mil quinhentos e vinte anos. Os mileritas reconheceram o suficiente da profecia dos dois mil e trezentos anos para proclamar corretamente a mensagem do Clamor da Meia-Noite, mas escolheram rejeitar parte da luz que a interpretação de Gabriel no capítulo nove se destinava a transmitir.

Gabriel havia instruído Daniel a dividir corretamente (separar mentalmente) as duas visões, representadas como "assunto" e "visão", e, em cumprimento daquele conselho, a Irmã White nos informa que esse era o próprio fardo de Daniel ao buscar compreender a relação entre as setenta semanas (um símbolo de "sete tempos") e os dois mil e trezentos anos.

A rejeição, por parte do adventismo, dos “sete tempos” colocou-os numa posição em que não podiam compreender que o primeiro período de quatrocentos e noventa anos, que foi cortado dos dois mil e trezentos anos, representava a rebelião da aliança que Moisés identifica como a “contenda da sua aliança”.

Eles também foram impedidos de reconhecer que a crucificação no meio da semana fez mais do que simplesmente identificar a data, pois ela identificou o próprio centro da contenda de Cristo com a desobediência de Israel quanto ao sangue da aliança. Eles estavam cegos para o fato de que o sangue que foi derramado por muitos na cruz, que estava confirmando a sua aliança, também confirmava a aliança estabelecida em Levítico vinte e cinco e vinte e seis.

O antigo Israel tomou sobre si uma aliança, que definiu como sua proclamação: "tudo o que o Senhor disse, faremos", completamente alheio ao fato de que a aliança que Cristo estava oferecendo exigia que Sua lei fosse escrita no coração. A sua definição farisaica dos termos da aliança impediu-os de compreender e aceitar a verdadeira aliança.

O Israel moderno tem definido o sangue da cruz no meio da semana em termos que causam ao Israel moderno a mesma cegueira que estava sobre o Israel antigo quando este rejeitou o Messias e proclamou que não tinha rei senão César.

Israel moderno está cego ao fato de que a história que Gabriel apresentou a Daniel não apenas inclui a confirmação da aliança, mas também a dispersão que sobrevém àqueles que rejeitam essa aliança, pois os versículos indicam que Roma pagã (o príncipe que havia de vir) destruiria a cidade e o santuário, e que, até o fim da guerra (que pisoteou o santuário e o exército), “desolações”, no plural, foram determinadas.

Na história em que Cristo derramou seu sangue para confirmar a aliança com muitos, os dois poderes desoladores de Roma pagã e papal são especificamente identificados. O sangue derramado na cruz é aquilo que Cristo introduz no santuário celestial, e é um símbolo de Sua obra representada pela visão "mareh" de dois mil e trezentos anos. Essa história está entrelaçada com a história da visão "chazon" de dois mil quinhentos e vinte anos, como representada pelos dois poderes desoladores que pisoteariam o santuário e a hoste.

As verdades que foram representadas, no sonho de Miller, como joias, brilhavam como o sol, mas estavam incompletas. Nos últimos dias, quando o Clamor da Meia-Noite for repetido ao pé da letra, essas mesmas joias serão lançadas na nova, maior caixa pelo "Homem da escova de limpeza", e então brilharão dez vezes mais do que originalmente brilhavam. Elas se tornam a prova da mensagem final do Clamor da Meia-Noite. Essas joias foram especificamente identificadas pelas duas testemunhas profetizadas por Habacuque, como tábuas. Quando as duas tábuas dos quadros pioneiros de 1843 e 1850 são colocadas uma sobre a outra, "linha sobre linha", as joias de Miller são especificamente identificadas e, ao fazê-lo, essas joias representam a mensagem do Clamor da Meia-Noite final.

A maioria das verdades nos dois gráficos ilustra profecias que foram cumpridas antes de 1844, como a identificação das bestas de Daniel sete e oito. A imagem de Daniel dois está representada. A discussão sobre se é Roma ou Antíoco Epifânio que estabelece a visão está ali. O primeiro desapontamento e o tempo da tardança de Habacuque e das dez virgens estão ali. A chegada do terceiro anjo está ali, assim como o santuário celestial. O “contínuo” como símbolo do paganismo está ali. E, claro, os três Ais do Islã estão ali. Quando reunidos, os gráficos representam uma ilustração do “aumento do conhecimento” que ocorre quando o Leão da tribo de Judá abre os selos de uma verdade profética.

À medida que vamos encerrando nossa consideração da visão do rio Uai como símbolo do conhecimento profético que foi deslacrado no tempo do fim, em 1798, e que cresceu para compor as joias no novo e maior cofre do sonho de William Miller, revisitaremos as verdades mileritas que permaneceram incompletas em sua história. Algumas ficaram incompletas por causa do período histórico em que os mileritas viviam, e outras permaneceram incompletas devido à desobediência daqueles que se recusaram a acompanhar a luz progressiva do terceiro anjo.

Daremos continuidade a esses tópicos no próximo artigo.

Aqueles a quem Deus enviou com uma mensagem são apenas homens, mas qual é o caráter da mensagem que trazem? Atrever-vos-eis a desviar-vos dos avisos, ou a menosprezá-los, porque Deus não vos consultou quanto ao que seria preferível? Deus chama homens que falarão, que clamarão em alta voz e não pouparão. Deus levantou os seus mensageiros para realizar a sua

obra neste tempo. Alguns têm-se desviado da mensagem da justiça de Cristo para criticar os homens e as suas imperfeições, porque não proferem a mensagem da verdade com toda a graça e o requinte desejáveis. Têm zelo demais, são demasiado sérios, falam com convicção demasiada, e a mensagem que traria cura, vida e consolo a muitas almas cansadas e oprimidas é, em certa medida, excluída; pois, na mesma proporção em que os homens de influência fecham os seus próprios corações e erigem a sua própria vontade em oposição ao que Deus disse, procurarão tirar o raio de luz àqueles que têm ansiado e orado por luz e por poder vivificador. Cristo registou todas as palavras duras, orgulhosas e escarnecedoras proferidas contra os seus servos como sendo contra ele próprio.

A mensagem do terceiro anjo não será compreendida; a luz que iluminará a terra com a sua glória será chamada de falsa luz por aqueles que se recusam a caminhar em sua glória progressiva. A obra que poderia ter sido feita ficará por fazer pelos que rejeitam a verdade, por causa de sua incredulidade. Suplicamos a vocês que se opõem à luz da verdade: saiam do caminho do povo de Deus. Permitam que a luz enviada do Céu brilhe sobre eles em raios claros e constantes. Deus responsabiliza vocês, aos quais essa luz chegou, pelo uso que dela fazem. Os que não quiserem ouvir serão responsabilizados; pois a verdade foi colocada ao seu alcance, mas desprezaram suas oportunidades e privilégios. Mensagens portadoras de credenciais divinas têm sido enviadas ao povo de Deus; a glória, a majestade, a justiça de Cristo, cheias de bondade e de verdade, têm sido apresentadas; a plenitude da Divindade em Jesus Cristo tem sido exposta entre nós com beleza e encanto, para cativar todos aqueles cujos corações não estavam fechados pelo preconceito. Sabemos que Deus tem operado entre nós. Temos visto almas voltarem-se do pecado para a justiça. Temos visto a fé reavivada nos corações dos contritos. Seremos como os leprosos que foram purificados, que seguiram seu caminho, e só um voltou para dar glória a Deus? Antes, contemos a sua bondade e louvemos a Deus com o coração, com a pena e com a voz. Review and Herald, 27 de maio de 1890.